



**BASTONÁRIO**

Av. Almirante Gago Coutinho, 151  
Telef. 218 427 100 Fax 218 427 199  
1749-084 Lisboa

Exmo. Senhor Dr.  
M.I. Presidente do Conselho Federal de Medicina

V/referência

Nossa referência  
**ARO/S2022-3797cn/P5937cn**

Data  
**14-02-2022**

**Assunto:** Esclarecimento

Exmo. Senhor Presidente do Conselho Federal de Medicina,

As necessidades sentidas na saúde em Portugal, em particular no Serviço Nacional de Saúde, associadas às condições de segurança e paz social proporcionadas no nosso país, têm-no tornado um local de destino para muitos médicos estrangeiros. Neste momento, a Ordem dos Médicos conta com mais de 4.300 médicos estrangeiros inscritos. O Brasil é o segundo país com maior representatividade, logo a seguir a Espanha, sendo o trabalho de todos estes colegas importante para a garantia do acesso a cuidados de saúde.

Esta é uma temática que tem vindo a suscitar muito interesse por parte da comunicação social, o que voltou a acontecer com a agência Lusa, que publicou em janeiro um trabalho com dados e declarações obtidos tanto junto da Ordem dos Médicos como de outras instituições, em particular do Ministério da Ciência e Ensino Superior e do Conselho das Escolas Médicas Portuguesas.

Foi neste contexto que a agência Lusa procurou obter números relacionados com a procura de Portugal por parte de médicos estrangeiros e a taxa de aceitação dos mesmos junto das universidades portuguesas a quem têm de pedir equivalência do grau académico – processo externo e alheio à intervenção da Ordem dos Médicos que, como V. Exa. sabe, apenas tem competências atribuídas no processo de equivalência para as várias especialidades e na prova de comunicação médica, de que os médicos brasileiros estão dispensados.

A jornalista manifestou estranheza com a taxa de reprovação elevada junto das universidades portuguesas, nomeadamente de médicos brasileiros. Desta forma, questionado no âmbito da reportagem, socorri-me de muitos dados emanados por instituições brasileiras, que corroboram as preocupações com a assimetria a que se assiste no Brasil, fruto da própria dimensão do país, e que podem justificar que as equivalências não sejam tão elevadas quanto gostariam.

Entre elas, estão indicadores das entidades médicas do Brasil, em especial do Conselho Federal de Medicina, que mostram que o país não requer nem necessita de médicos em quantidade, mas de qualidade, tendo uma formação acima de 30.000 médicos anualmente. Somente 1,7% das Instituições de Ensino Superior conseguiram nota 5 no IGC do MEC, com outras dificuldades a serem



#### **BASTONÁRIO**

Av. Almirante Gago Coutinho, 151  
Telef. 218 427 100 Fax 218 427 199  
1749-084 Lisboa

apontadas, como a falta de instrumento de avaliação dos egressos dos cursos de medicina e de professores qualificados na relação docente/aluno, capazes de suprir o mínimo necessário para uma formação adequada do médico.

O estudo Radiografia das Escolas Médicas Brasileiras 2020, divulgado pelo CFM, também mostrou que 92% das instituições de ensino superior que oferecem vagas para medicina não cumprem pelo menos um dos três parâmetros considerados essenciais para o funcionamento dos cursos. Há, por exemplo, 80 alunos para acompanhar uma equipe de saúde família (ESF), quando o recomendado é no máximo três. Cada doente internado é acompanhado por mais de três estudantes de medicina, quando o correto seriam cinco pacientes para cada aluno. Muitas escolas também não têm acesso a hospitais para desenvolverem a formação clínica e prática. Essas são situações comuns em várias faculdades de medicina do país, principalmente naquelas que começaram a funcionar a partir de 2011.

O CFM tem mesmo denunciado que a falta de locais de prática clínica é resultado da abertura desenfreada de escolas médicas nos últimos dez anos e que o resultado será sentido pela população brasileira. De 353 instituições, 173 foram abertas nos últimos 10 anos e os 116 hospitais de ensino estão distribuídos pelo Brasil de forma irregular, já que mais de metade dos municípios com escolas médicas não possuem acesso a esses hospitais para a formação dos seus alunos.

Atualmente, o Brasil tem 10 médicos formados para cada 100 mil habitantes, o que é um número consideravelmente maior do que o existente em outros países desenvolvidos. O cenário aponta para que a situação se agrave, já que a previsão é que em 2025 existam 18 médicos para os mesmos 100 mil habitantes. Com esses números, o Brasil ocupará o terceiro lugar no ranking dos países que mais formam médicos por habitante, ficando atrás somente de Irlanda e Dinamarca.

Assim, perante estes dados (em itálico, tendo como fonte o próprio CFM), reconheci junto da jornalista que a taxa de reprovação de perto de 65% destes candidatos junto das universidades portuguesas poderá ser explicada por um conjunto de problemas já identificados pelas instituições brasileiras congéneres, que vão desde a duração do curso, aos programas formativos, passando pela falta de acesso a uma prática clínica suficientemente diversificada e diferenciada. Problemas esses que sei que têm estado empenhados em resolver.

A qualidade da medicina é um dossiê que não conhece fronteiras ou nacionalidades e que deve ser uma preocupação de todas as estruturas ligadas à saúde, pelo impacto que terá sempre na vida dos doentes e no futuro da nossa sociedade, estando certo de que V. Exa. e a Ordem dos Médicos estão juntos neste caminho. É inegável que Portugal tem uma relação de excelência com médicos de muitos países que nos ajudam, todos os dias, a construir o nosso serviço de saúde, onde se destacam os



**BASTONÁRIO**

Av. Almirante Gago Coutinho, 151  
Telef. 218 427 100 Fax 218 427 199  
1749-084 Lisboa

brasileiros. De resto, continuam a contar com o nosso apoio e solidariedade na procura por uma melhor formação, que se venha a traduzir também num processo de transição entre países mais simples e satisfatório para todos os envolvidos.

Estimado Presidente, como sempre foi meu timbre como Bastonário da Ordem dos Médicos, perante a adversidade de alguns jornalistas para com os próprios médicos e os seus representantes, procurei em todas as circunstâncias para as quais fui solicitado, defender as pessoas enquanto médicos, atribuindo a responsabilidade pelo nível da qualidade da formação às entidades oficiais responsáveis que regulam, certificam ou promovem a existência de Escolas Médicas formadoras sem as condições adequadas para proporcionarem uma boa formação aos jovens estudantes de medicina e jovens médicos. Apesar de todos os alertas de entidades médicas, como o CFM, a mudança nesta área demora tempo a concretizar.

Reitero que não partiu da Ordem dos Médicos qualquer afirmação depreciativa quanto aos médicos brasileiros, nem tão pouco em relação ao tempo do curso de medicina, que sabemos, de acordo com a exigência do CFM, ser de seis anos, bem como sobre o processo de registro destes profissionais junto ao CFM, o qual é condição incontornável para o exercício da medicina no Brasil. Bem sei que, para se inscrever nesta autarquia, qualquer profissional precisa submeter-se a criteriosa avaliação documental junto aos Conselhos de Medicina, sendo o diploma em curso superior devidamente reconhecido e com seis anos de duração uma exigência fundamental.

Neste sentido, aproveito para saudar todos os médicos brasileiros que durante esta pandemia e perante todas as contrariedades sanitárias, políticas e sociais, souberam fazer das suas competências, conhecimento e elevado sentido de responsabilidade, solidariedade e humanismo, a resposta adequada às necessidades das pessoas em sofrimento, honrando a sua missão de cuidar, tratar e proteger os doentes, salvando milhares de vidas.

Com elevada consideração e respeito, deixo-lhe os meus fraternos cumprimentos que peço sejam transmitidos a todos os membros da Direção do CFM.

Com os melhores cumprimentos,

O Bastonário da Ordem dos Médicos

Dr. Miguel Guimarães